



12º Simpósio de Ensino de Graduação

AS FRONTEIRAS ENTRE O EU E O MUNDO EXTERNO: UMA BREVE ANÁLISE A PARTIR DA OBRA O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO DE SIGMUND FREUD.

Autor(es)

JULIANA ANDRIOLLI SMIZMAUL

Orientador(es)

DISETE DEVERA

Resumo Simplificado

Ao analisarmos a cultura de um povo é possível observar que ela constitui o parâmetro pelo qual os indivíduos constroem seu lugar no mundo, sendo marcados e atravessados subjetivamente por suas escolhas, como por exemplo a religião, como definem a forma de pensar e agir e como se colocam e são colocados dialeticamente na cultura. De modo que, neste processo de identificação com o coletivo cultural, a subjetividade permanece adormecida pela sobreposição das necessidades e deveres marcados pelo e no pacto civilizatório. Assim, o EU se perde no todo, começa a desaparecer e confundir seus desejos e anseios com as imposições das massas. Dessa forma, esse cenário pode gerar um conflito patológico na fronteira do EU com o mundo externo, pois os desejos subsidiados pela necessidade de poder e autonomia entram em conflito com a realidade, que dificilmente é capaz de lhe proporcionar prazer e de resolver seus enigmas subjetivos. Objetivou-se neste trabalho investigar a relação subjetiva do EU com o pacto civilizatório imposto pelo mundo externo através da obra O Mal Estar na Civilização de Sigmund Freud. Para tanto, foram realizadas revisões bibliográficas dos artigos: A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política e A produção antropológica sobre a articulação saúde, religião e corpo: conquistas, ressalvas e perspectivas, que abordam os elementos culturais que permeiam as relações humanas e a obra O Mal Estar na Civilização de Sigmund Freud, que diferencia civilização de cultura (religião). Nos artigos citados, constatou-se que a religião é abordada como um aspecto fundamental na determinação das crenças e do papel social desempenhado pelos indivíduos. Freud, entretanto, observa a religião como um elemento capaz de apaziguar os anseios e questionamentos dos homens, pois lança mão da fé e religiosidade para responder a misteriosa questão “Qual o sentido da vida?” e com isso, os desprazeres e frustração se camuflam, já que a religião cria “(...) Um pai grandiosamente elevado. Apenas um ser assim é capaz de conhecer as necessidades da criatura humana, de ceder a seus rogos de apaziguado por seu arrependimento” (FREUD, 1930, p. 27). Contudo, “Tudo isso é tão claramente infantil, tão alheio à realidade, que para alguém de atitude humanitária é doloroso pensar que a grande maioria dos mortais nunca se porá acima desta concepção de vida. Ainda mais vergonhoso é constatar que um bom número de contemporâneos, embora percebendo como é insustentável esse religião, procuram defendê-la palmo a palmo, numa lamentável retirada”. (FREUD, IDEM). Conclui-se então, que o princípio do prazer possui a função de reger as necessidades humanas em busca de felicidade e realização, mas que em contrapartida o mundo externo apresenta obstáculos e dificuldades para que isso se concretize. Porém, deve-se considerar ainda que a religião, por exemplo, tenta responder os questionamentos intrínsecos dos indivíduos, mas a falsa impressão de completude ocorre quando o EU é inundado de desprazer e frustração quando seus desejos não coincidem com o processo de civilidade ou dito de outra forma com o pacto civilizatório que se configura intrasubjetivamente.